

Cieps de volta à berlinda

■ Polêmica na gestão Brizola, escola de tempo integral será adotada em toda a rede estadual

ROSA LIMA

Principal projeto das duas administrações de Leonel Brizola no Estado do Rio – de 83 a 86 e de 91 a 94 –, a escola de tempo integral, materializada nos Centros Integrados de Educação Pública, os Cieps, volta à pauta na gestão do também pedetista Anthony Garotinho. No governo atual, porém, em vez de se restringir aos 351 hoje Cieps administrados pelo estado, a idéia é que o turno integral, de 8 ou 6 horas, conforme a disponibilidade física das escolas e a demanda das comunidades atendidas, seja progressivamente estendido a toda a rede pública estadual, composta de 1.995 unidades.

“Nossa proposta é a de resgatar o projeto político-pedagógico do Programa Especial de Educação, implantado nos Cieps, e integrar a escola de horário integral ao projeto educacional da secretaria, pensado para a rede escolar como um todo”, informa o secretário de Estado de Educação, Hésio Cordeiro.

Sistema paralelo – A mudança, na opinião do educador Galdêncio Frigoto, da Universidade Federal Fluminense, é mais que bem-vinda. É que para ele, o principal problema do Programa Especial de Educação, implantado no governo Brizola, era justamente o fato de ele ser especial, ou seja, restringir-se apenas aos Cieps. “É

ótimo que se pense na perspectiva de uma escola unitária e democrática de tempo integral, um espaço de cultivo da infância, onde as crianças tenham acesso tanto ao conhecimento formal quanto ao lazer e à cultura”, diz.

Citando o filósofo marxista italiano Antonio Gramsci, para quem uma pequena descoberta para todos vale mais do que uma descoberta genial para poucos, o professor Galdêncio acredita que os Cieps pecaram por se constituir num sistema paralelo de ensino público. “Isso criava uma tensão muito grande nas crianças, nas comunidades e nos próprios professores, que passaram a ter carreiras e salários diferenciados”, lembra.

Riqueza cultural – Fora isso, Galdêncio Frigoto não vê nenhuma restrição ao turno integral, primeiramente defendido no Brasil pelo educador Anísio Teixeira, que chegou a implantá-lo na Escola Parque, de Salvador, ainda nos anos 40. “Pedagogicamente, o turno integral pode propiciar um tempo de riqueza cultural que a maior parte das crianças não dispõe fora do ambiente escolar”, argumenta o professor.

Segundo a educadora Tatiana Memória, que coordenou o Programa Especial de Educação no segundo Brizola e hoje está à frente da Fundação Darcy Ribeiro, foi justamente pensando na carência de oportunidades e opções do grosso da população

fluminense que o então vice-governador Darcy idealizou o Ciep.

Brizoletas – “A educação sempre foi a prioridade do Brizola. Quando assumiu o governo do Rio, em 83, ele quis fazer no Rio o mesmo programa implantado no Rio Grande Sul, quando era governador, onde foram feitas mais de 6 mil escolas dentro do ensino convencional, as chamadas Brizoletas. Darcy o convenceu que seria importante dar no Rio a mesma educação adotada no mundo inteiro, de tempo integral, principalmente porque ele avaliava que a criança carente é a que mais precisa dessa educação já que não tem apoio nenhum em casa para se desenvolver como cidadã”, lembra Tatiana.

Incensado por uns, que o consideravam um revolução no ensino público, e execrado por outros, adeptos da tese de que não passava de jogada eleitoreira, o programa dos Cieps acabou se transformando na maior polêmica da gestão Brizola no estado. Pelo programa original, as escolas ofereciam, além do currículo formal, educação física, biblioteca, estudo dirigido, tele-educação, três refeições diárias, banho e atendimento médico e odontológico, em horário integral de oito horas de funcionamento.

Projeto demográfico – Para o educador Vítor Paro, professor da Universidade de São Paulo e coordenador da pesquisa *Escola de tempo*

integral – desafio para o ensino, que, analisou o dia-a-dia de um Ciep do Rio em 1988, o Programa Especial de Educação não passava de um projeto demográfico do governo Brizola. “O Ciep não tinha nenhuma proposta pedagógica nova. Para a criança, ele era um lugar de desprazer como qualquer escola convencional, só que pior porque ela era obrigada a passar mais horas ali”, diz. Segundo Paro, que se diz favorável à escola de tempo integral desde que seja voltada para as necessidades reais das crianças, nos Cieps os professores eram tão autoritários quanto nas escolas tradicionais e havia ali a mesma falta de respeito à cultura da comunidade, a mesma falta de integração entre os sexos e a mesma discriminação com os pobres da escola comum.

Tatiana Memória discorda. Segundo ela, a avaliação feita em 1993 por seis especialistas de universidades do Rio e de São Paulo mostrou ótimos resultados. “Até a 3ª série tínhamos 93% de aproveitamento, até a 5ª, 78%, o que são números excelentes. E evasão não havia nenhuma”, afirma Tatiana. A aceitação da comunidade, de acordo com a educadora, também era excelente. “Numa pesquisa feita nos locais onde havia Cieps, 82% dos entrevistados aprovavam o horário integral e 87% disseram que o Ciep tinha mudado a vida na comunidade para melhor”.